

## POR UMA LEITURA DO PREFÁCIO

Heda Maciel Caminha

Alice T. C. Moreira

PUCRS

Em prosseguimento às nossas investigações sobre o prefácio, trataremos no presente artigo dos prefácios alográficos e autorais.

Em princípio, verificamos a diferença entre prefácios autorais e alográficos. Nos primeiros, a enunciação é garantida pelo autor da obra; nos alográficos, por um outro que lhe empresta sua posição na instituição literária e ao qual ele se coloca em busca de legitimação.

O prefácio, seja ele alográfico ou autoral (autográfico), é um metadiscurso. Sua função predominante, contudo, não é a metalinguística e sim a conativa, cuja expressão gramatical mais pura é o vocativo e o imperativo. Eventualmente, ela vem sustentada pela função expressiva que simula o lirismo comunicativo do apresentador e implica também o engajamento afetivo do locutor. Ora, o metadiscurso se propõe a descrever o discurso objeto, mas enquanto prática social essa função primeira é acrescida de outras. O prefácio alográfico, por exemplo:

1. desdobra os elementos da comunicação, isto é, o prefácio é uma mensagem produzida e recebida em dois tempos, uma vez que é pré-escrita e pré-lida pelo prefaciador – o autor do livro, seu público, o objeto do livro; o autor do prefácio, seu público, o objeto do prefácio;
2. antecipa a leitura e dirige as expectativas do leitor;
3. legitima ou garante a posição do autor da obra na instituição literária;
4. altera a hierarquia autor/prefaciador, colocando-se numa posição privilegiada prefaciador/autor;

5. seleciona o público — a indicação do nome do prefaciador na capa da obra efetua uma espécie de triagem do público;

6. estabelece um contrato de confiança entre o público do prefaciador e a obra;

7. transmite ao autor o direito de fala e ao mesmo tempo recebe nova oportunidade de falar, isto é, o rito da intronização e da transmissão da palavra.

As implicações dessas funções são bastante variáveis: a situação do objeto simbólico se movimenta entre dois pólos de edição — o cultural e o de mercado —, sendo que o prefaciador pode se aproximar mais ou menos de cada um deles, dependendo das pressões sofridas, como filiados à sociedade do discurso. Essa relação entre o prefaciador e o prefaciado se configura como uma troca de serviços que vai conferir eficácia à palavra.

Todo prefácio alográfico dá a palavra ao prefaciado, mas a desvia em seu proveito do primeiro, alterando a significação. Daí seu funcionamento ideológico em diversos níveis: 1. interpela os indivíduos destinatários enquanto sujeitos; 2. reforça a consciência de um grupo; 3. agrupa as séries de consumidores culturais.

Quanto ao prefácio autoral, constatamos que a primeira preocupação do autor é a de não ser lido e compreendido, logo, o seu objetivo é o de fazer a obra circular, mas como o prefácio é uma mensagem totalizante e diferida ao mesmo tempo, isto é, situada na dialética específica da comunicação literária, expõe-se continuamente ao risco da incompreensão.

Por outro lado, assinar ou não o prefácio original autoral e um dos indicadores da situação do escritor na instituição literária. No primeiro caso, ele está seguro de sua legitimação. São os prefácios autorais autênticos onde o autor: dá-se o conhecer como sendo idêntico ao autor do texto, implícita ou explicitamente; no segundo, não assume o texto. Não se trata, porém de negar a autoria, mas sim de uma atitude de desaprovação: o autor maduro rejeita um texto da juventude. No segundo, espera confirmação pública para só depois revelar-se. Nesse último caso, algumas das estratégias podem ser as seguintes: 1. **prefácio alográfico autêntico**: solicita o prefácio a uma instância legitimada; 2. **prefácio autoral fictício**: a atribuição a um prefaciador não pode ser levada a sério, pois no texto se encontram disseminados signos de brincadeira; 3. **prefácio autoral apócrifo**: a produção de um falso prefaciador, tomado todas as preocupações para ser considerado como verdadeiro.

Trata-se de uma mentira, mas que muitas vezes comporta um convite à decifração.

Em busca de uma classificação dos prefácios recorreremos aos trabalhos de Gérard Genette, desenvolvidos na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, de novembro de 1984 a fevereiro de 1985. Segundo Genette, existiria ainda a possibilidade do prefácio ser **actoral**, isto é, quando o prefaciador é um dos personagens. O personagem prefaciador tanto pode ser um dos personagens da ficção, e que resulta num prefácio **actoral fictício**, como personagem de uma biografia, resultando em prefácio **actoral autoral**. Dessa forma, no quadro abaixo, proposto pelo teórico citado, podemos observar a presença do **prefácio actoral** ao qual não nos referimos anteriormente de forma explícita, mas que existe em potencialidade como desdobramento do **prefácio autoral**.

TEXTO VERDADE	AUTORAL	ALOGRÁFICO	ACTORAL
AUTÊNTICO			
FICTÍCIO			
APÓCRIFO			

O grande interesse desse quadro é que, diante de um leque de possibilidades de classificação tipológica, isto é, puramente enumerativa, hierárquica, circular, o autor opta por uma **tipologia combinatoria ou tabular**, uma vez que a posição dos elementos tipológicos no quadro vale por uma definição e pode-se sempre prolongá-

